

## **A identidade homossexual e o papel social da Igreja Católica<sup>1</sup>**

**Aluna: Sandra Regina de Souza Marcelino**  
**Orientador: Luís Corrêa Lima**

### **Introdução**

Este projeto trata da complexa relação entre homossexualidade e cristianismo católico, e de sua repercussão no espaço público e no exercício da cidadania. Analisa-se a doutrina e a atuação da Igreja Católica em perspectiva histórica da longa duração. Este tema, eminentemente interdisciplinar, pode interessar a todos os que lidam com estes respectivos mundos e suas fronteiras: cientistas sociais, historiadores da sexualidade e do cristianismo, profissionais de serviço social, militantes de ONGs e de movimentos sociais, agentes de políticas públicas, profissionais de saúde, ministros religiosos e agentes de pastoral.

Pretende-se: tratar de questões sobre movimento LGBT<sup>2</sup>, homofobia, direito homoafetivo, parceria civil e novas configurações familiares; mapear os conflitos existentes, possíveis articulações e apontar tendências em curso; e procurar caminhos no âmbito secular e religioso para a superação de discursos e posturas condenatórias a respeito da diversidade. Neste projeto se insere a pesquisa da aluna sobre o movimento social LGBT e o papel da religião.

A prática religiosa é uma forma de cultura dos povos onde muitas redes e relações sociais se constroem. Na religião se procura formar e conquistar uma espécie de justiça, de solidariedade, de transformação pessoal e social através do transcendente. Numa sociedade marcada por desigualdades sociais como a nossa, que violenta constantemente os direitos básicos dos cidadãos, as religiões muitas vezes se apresentam como “salvadoras” através de uma teologia da esperança e ao mesmo tempo agem não somente cuidando da alma, do espírito, mas também intervindo nas necessidades sociais que provêm das demandas trazidas pelos seus fiéis. Hoje, há inúmeras pastorais e grupos dentro dos espaços religiosos que procuram atender as questões de saúde, da terra, da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, da desnutrição, dos idosos, crianças e adolescentes e outras mais. É nesse processo de organização e formação dos grupos e equipes responsáveis para desenvolver esses trabalhos, que ocorre um exercício de militância através de um discurso religioso, que por vezes se dá pelo assistencialismo e, por outras, pela ação crítica e política frente à contradição do Estado.

A partir dos anos 1970, verificou-se no Brasil um crescimento da produção de estudos sobre atividades associativas e ações coletivas que se convencionou referir sob a categoria “movimentos sociais” (Facchini, 2005, p. 47). O movimento homossexual aparece nesse período, ao lado dos movimentos feminista, negro, ecológico... Forma-se uma militância que busca visibilidade para tratar de assuntos e políticas públicas voltadas para esse segmento tendo como “carro-chefe” a AIDS, conhecida num primeiro momento como “peste gay” pela sociedade e, numa visão religiosa, um castigo de Deus devido a uma prática tida como infame. Na busca de exercer direitos de cidadania, militantes homossexuais saem pelas ruas em protestos e manifestações voltados para o respeito e dignidade humana.

---

<sup>1</sup> Este projeto de pesquisa já tem um novo título a ser solicitado: Diversidade Sexual, Cidadania e Catolicismo.

<sup>2</sup> A nomenclatura GLBT utilizada pelos movimentos sociais e pelo governo foi mudada para LGBT em 07 de junho de 2008, na Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais para dar mais significado as reivindicações das mulheres lésbicas.

## Objetivos

A pesquisa procurou atender os seguintes objetivos:

- Identificar como a religião direta e indiretamente influencia e participa na prática da militância.
- Aproximar-se de conteúdos para a construção de uma nova reflexão e diálogo que fortaleça as igualdades da prática cidadã desses dois movimentos sociais.
- Pensar caminhos que desconstruam o diálogo preconceituoso e minimize a intolerância e o desrespeito.

## Desenvolvimento

A pesquisa deu continuidade aos resultados da pesquisa anterior, onde procuramos conhecer como a Pastoral da AIDS na Baixada Fluminense vinha dialogando com a questão da sexualidade, principalmente com a população homossexual. A intenção primeira era conversar com essas lideranças e ouvir a fala da Igreja através desse movimento. Após identificarmos que o diálogo existe, mas ainda de modo muito resistente e algumas vezes preconceituoso, o segundo passo foi procurar lideranças do movimento homossexual de organizações do Rio de Janeiro, conhecer suas histórias de vida, suas experiências religiosas e identificar se em algum momento o engajamento na prática religiosa contribuía também no exercício da militância no movimento LGBT.

Para chegarmos a essas lideranças foi elaborado um questionário-piloto, onde procuramos ouvir alguns jovens homossexuais inseridos ou não no movimento, nos quais de alguma forma a religião se fazia presente. Foram abordados 15 jovens na faixa etária de 18 a 35 anos em locais considerados “points gays” na cidade, tais como boates, bares e reuniões de vivências de grupos. Nesta etapa, não houve critérios sistemáticos para escolha dos entrevistados. Todos foram convidados a responder o questionário à medida que havia interesse em colaborar com a pesquisa. O perfil do grupo entrevistado era na maioria formado por rapazes que estavam concluindo o ensino médio ou já estavam inseridos no curso superior. Quanto ao local de moradia, eles vinham de bairros da periferia do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense e Zona Oeste e alguns moravam com seus familiares.

O questionário estava organizado numa seqüência de dez perguntas divididas em dois blocos, com respostas fechadas onde as questões principais eram sobre a presença e participação religiosa em suas vidas (em anexo segue o roteiro do questionário). Esta aproximação com o público homossexual foi de extrema importância pois nos ajudou a perceber como a religião envolve as relações, e que significado ela trouxe para a vida desses jovens.

Segundo Rodrigues (2004), as religiões sempre tiveram um papel fundamental em várias épocas e culturas, entendendo que:

As religiões são algo tão importante, que a cada dia, a cada momento, estamos envolvidos por elas, com relatos místicos de várias épocas e culturas. O respeito pela vida religiosa dos outros é um pré-requisito para a coexistência humana (...). Uma religião não se pode tornar uma Igreja, não se pode tornar uma seita, uma religião é a comunhão pessoal (p. 155).

Na fala dos jovens entrevistados, foi ressaltado o vínculo com a religião por intermédio familiar. A apresentação da religião é feita de forma obrigatória devido à participação do pai ou da mãe em alguma prática religiosa. Isso acontece logo na infância e, conseqüentemente, o envolvimento num grupo acontece de modo espontâneo.

As religiões que mais se fizeram presentes tendo esses jovens como participantes foram as de cunho evangélico e católico, como podemos ver no gráfico abaixo:

católicos	evangélicos	religiões afro-brasileiras	sem religião
6	4	3	2

A participação na Igreja, tanto dos entrevistados católicos quanto evangélicos, se deu em participações nas missas ou cultos, engajamento em grupos de juventude e coral. Poucos ainda participam de algumas dessas atividades. Para alguns, há um conflito pessoal entre a prática religiosa e a prática sexual como pode ser identificado na fala de um jovem:

Nasci num lar evangélico. Lá em casa todos são... só eu que me afastei porque acho que não está certo. Acho que eu não estou certo com os ensinamentos da igreja. Não paro de pensar sobre isso. Não gosto nem de imaginar qual a visão que Deus tem de mim.

Outros entrevistados disseram que se sentem mal nas igrejas porque não se reconhecem como pessoas bem aceitas naqueles espaços e que o discurso se faz incoerente com a prática. Para eles é um embate constante ter o “Deus da Igreja” e a homossexualidade numa mesma relação de vida. Apareceram respostas que divergiam do pensamento acima citado. Para esses, a existência de Deus ou qualquer pensamento não tinha influência alguma nas suas vidas, sentimento de culpa ou mal-estar.

A professora e membro da coordenação de Católicas pelo Direito de Decidir, Regina Soares, no seu artigo “Cristianismo e Homossexualidade” reflete que “nos tempos atuais o debate sobre a homossexualidade nas igrejas, freqüentemente vai buscar no texto bíblico prescrições comportamentais, mais do que matizes para o discernimento”. Esses discursos de citações bíblicas interpretadas à luz de um fundamentalismo se fazem um grande divisor no diálogo e aproximações entre esses dois grupos – religião e homossexuais –, sendo desta forma a razão pela qual os homossexuais estruturam suas resistências as práticas religiosas cristãs. Entre os entrevistados que disse não ter vínculos com nenhuma religião, eles em seus breves comentários demonstravam um maior respeito e simpatia pelos cultos afros, pois encontravam neles uma acolhida melhor e liberdade.

Eu vou só às festas dos Santos, mas estou muito bem chegado lá (...). Não tenho religião, mas Deus está em todo lugar. Lá entro com meu namorado ou sozinho e ninguém vem me doutrinar dizendo o que Deus quer e não quer com minha sexualidade...

Essa tentativa inicial de ouvir a voz dessas pessoas que de algum modo acompanhavam a militância do movimento homossexual, mas não estavam inseridos

diretamente num grupo ou organização nos ajudou a elaborar e melhor identificar os obstáculos que são impasses nesse diálogo.

O segundo grupo formado por oito lideranças do movimento LGBT de algumas organizações do Rio de Janeiro, participou da entrevista, sendo ela elencada em seis perguntas abertas que abordavam diretamente seu exercício como militante e a experiência religiosa.

Os dados obtidos nessa pesquisa de teor qualitativo a partir dos relatos dessas lideranças nos trouxeram os seguintes resultados:

### **Sobre a formação religiosa**

Entre todos os entrevistados, cinco tiveram seus primeiros contatos religiosos através de familiares que participavam de alguma maneira de uma prática religiosa. Segundo eles, essa formação aconteceu através de catequese, de cultos dominicais, escolas bíblicas; dois não tiveram a iniciação familiar, porém na idade adulta aproximaram-se de cultos afros; um entrevistado disse não aceitar a formação católica que a família impunha e não freqüentava missas ou quaisquer atividades ligadas à religião.

Para esse grupo, a imagem de Deus não entra em conflitos com suas respectivas identidades sexuais. Foi afirmado por eles que Deus não tem uma única imagem como as religiões tentam transmitir e assim fechar qualquer tipo de possibilidade de pensar num Deus que não seja plural. A concepção de Deus revelada através de uma energia superior, força que influencia nossas vidas ou o Ser Supremo está vinculada a um entendimento que ultrapassa o campo da prática religiosa. Tal compreensão faz parte de uma experiência singular de cada um. Todos afirmaram que acreditam na existência de uma força maior que pode ser identificada de várias maneiras e nomes.

### **Sobre o olhar de Deus**

Não houve dificuldades dos entrevistados em refletir como Deus os via. O entendimento de normalidade, de não exclusão, de pessoas iguais não os colocava em situação inferior devido à homossexualidade.

### **Sobre conflitos e homossexualidade**

As respostas ficaram equivalentes entre ter conflitos e não ter naqueles que afirmaram ser católicos ou evangélicos. A idéia do conflito se consolida pelo forte discurso de que para se chegar até Deus é preciso ser obediente e puro, seguir os preceitos, sendo a homossexualidade algo considerado impuro e uma prática desobediente aos olhos do discurso cristão. Vivenciar o prazer da vida comunitária e religiosa e, ao mesmo tempo, o prazer da vida sexual significava imperfeição e pecado.

Antes eu achava que tinha alguma coisa de ruim comigo ou era provação... Sei lá. Eu jejuava, ia para o monte orar, participava dos cultos de cura e libertação (...) sofri muito devido o que eu sentia. Era uma coisa louca orar e desejar uma irmãzinha.

Conflitos não, mas não entendia porque falavam que Deus era amor e amava a todos, mas havia tantos comentários ruins sobre gays.

No começo tive conflitos porque as pessoas desconfiavam o que para mim era confuso. Sempre tinha alguém do Grupo Jovem ou um irmãozinho falando sobre namoros e eu calado. Acho que tinha culpa, mas pensava que poderia ser um escolhido para mudar. É um sentimento horrível!

Quando resolvi assumir minha lesbianidade, a minha antiga igreja (Assembléia de Deus) me excluiu do rol de membros. A maioria das denominações evangélicas não aceita homossexuais

assumidos, mas somente aqueles que foram libertos por Deus e tornaram-se pessoas normais (homossexuais não praticantes).

Rodrigues (2004) no seu artigo **Religiões e perseguições** diz:

A influência exercida pela moral religiosa no que se refere à homossexualidade sempre foi radical, afirmando que ela é um vício, uma aberração, uma anomalia que deve ser combatida (...) utilizam de força e de ameaças para punir opções alheias, que às vezes nem é opção, mas algo que faz parte de sua natureza (p. 155-156).

Os entrevistados que não tiveram engajamento num grupo religioso contestaram que a Igreja é responsável pelos conflitos, pois cria dilemas desnecessários e comentários contrários ao que “prega”. O sentimento de cura e libertação apareceu associado na fala desses, como também a possessão de espíritos malignos que estavam se apropriando para afastar os escolhidos de Deus de sua missão.

### **Sobre a participação religiosa e militância homossexual**

Entre todos os entrevistados, quatro tiveram participação na vida comunitária de suas religiões. Para eles, o papel de liderança desenvolvido na Igreja exigia dinamismo, poder de coordenação e boa articulação. O contexto entre militância de um movimento social e prática religiosa é diferente no que diz respeito à ação política que envolve uma organização ou grupo, porém, a aprendizagem de posicionamentos e tomadas de atitudes se encontram nessas duas práticas.

De certa forma a religião influencia porque a gente aprende a ter liderança e atitude quando nos é dado essa oportunidade. Isso é uma forma de conquista nossa. É claro que é outro tipo de liderança, mas eu levei muitas coisas que fazia no grupo para essa nova trajetória.

A vida ensina você a ser militante quando algo lhe é negado e você se sente injustiçado. Grupos religiosos sempre têm um líder, mas liderança nasce com a pessoa.

A minha experiência na igreja acho que não influenciou apenas me fez um pouco diferente da maioria das/os militantes. Sou lésbica e evangélica.

A partir desse elenco de perguntas, procuramos saber ao final se as experiências com a religião e a homossexualidade em algum momento na vida desses entrevistados provocaram uma ruptura radical ou mudanças de pertencimentos religiosos. Sobre essa questão, aqueles que já tinham uma vivência na infância e adolescência na igreja de algum modo não perderam a ligação com esse sentimento de espiritualidade, porém não frequentam mais suas religiões de origem. As mudanças se fizeram pela acolhida e identificação em outras práticas, como cultos afros e kardecismo.

A pesquisa teve como bibliografia básica o livro de Lucia Ribeiro **Sexualidade e reprodução – o que os padres dizem e o que deixam de dizer**, onde a autora traz uma reflexão feita a partir de uma pesquisa de campo a respeito de experiências vivenciadas pelos sacerdotes sobre temas polêmicos aos olhos da Igreja, tais como: métodos contraceptivos, sexualidade, aborto, gravidez na adolescência e leituras de textos complementares que trabalhavam com a questão da religião e homossexualidade.

## Conclusões

A experiência da participação social é algo que está sempre em construção e fortalecimento nas diversas faces dos movimentos sociais. Percebemos através dessa pesquisa que as religiões têm um papel importante na vida humana, ao mesmo tempo em que elas dificultam o diálogo com grupos e segmentos que saem da “normatividade socialmente construída”. A militância religiosa contribui, sim, para a prática de outras militâncias. Encontramos no movimento homossexual a história de militantes que fizeram a ruptura com a religião de origem, buscaram outras experiências e, no entanto, nos seus espaços de luta reproduzem e conduzem ações que vêm de um aprendizado religioso.

Os dois momentos de entrevistas com os grupos militantes e não-militantes abriram caminhos para identificarmos que a experiência é importante, mas, ao mesmo tempo, o preconceito e a intolerância ainda existentes nos meios religiosos criam impasses para um diálogo de possibilidades onde a questão não seja a sexualidade, mas o coletivo e a construção de uma cultura de paz, respeito, dignidade da pessoa humana.

Nas entrevistas, notamos que algumas pessoas que procuram algum local, igreja ou grupos que trabalhem a reorientação sexual – até com uso da psicologia - o fazem devido a pressão e rejeição da família, da religião e da sociedade. Estas pessoas não querem se sentir excluídas, devido à pregação da maioria das igrejas. Por esse motivo, sentem-se infelizes. O sofrimento surge quando a família, a sociedade e a igreja, entre outros, viram as costas e discriminam de tal forma que acabam fazendo com que lésbicas e gays vejam a homossexualidade como um mal terrível, que precisa ser curado.

Concluimos que os nossos objetivos foram satisfatoriamente atingidos, ao mesmo tempo em que nos colocam num desafio de pensar, enquanto pesquisadores e estudiosos da temática, que a proposta não se encerra nesses dados observados. Talvez um passo futuro seria realizar um estudo sobre os movimentos cristãos que vêm dialogando com o segmento homossexual, e ao mesmo tempo, rompendo com o tradicionalismo em busca de um novo fazer.

## Referências

- 1 - DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.
- 2 – FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2005. 294p.
- 3 – RIBEIRO, Lucia. **Sexualidade e Reprodução** – O que os padres dizem e o que deixam de dizer. Petrópolis: VOZES, 2001. 255p.
- 4 – RODRIGUES, Humberto. Religiões e Perseguições. **O amor entre iguais**. São Paulo: MYTHOS, 2004, 155-174p.
- 5- JURKEWICZ, Regina Soares. Cristianismo e Homossexualidade. **Movimentos sociais, Educação e Sexualidades**. Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro. GARAMOND, 2005. 278p.

## Anexo 1

### QUESTIONÁRIO – “RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE” (não- militantes)

#### I – IDENTIFICAÇÃO

1.1 – Idade: \_\_\_\_\_

1.2 – Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

1.3 – Identidade Sexual: ( ) Lésbica ( ) Gay ( ) Bissexual ( ) Transexual

1.4 – Local de residência: ( ) Zona Sul ( ) Zona Norte ( ) Zona Oeste ( ) Centro ( )  
Periferia ( ) Baixada Fluminense ( ) Outros \_\_\_\_\_

1.5 – Mora com: ( ) pais ( ) pais e irmãos ( ) só com a mãe ( ) mãe e irmãos ( ) só com o  
pai ( ) pai e irmãos ( ) sozinho ( ) amigos ( ) outros \_\_\_\_\_

1.6 – Grau de Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) Superior incompleto ou cursando

( ) Superior completo

#### II – RELIGIÃO E VIDA

2.1 – Você tem alguma prática religiosa? ( ) sim ( ) não

2.2- Quem lhe introduziu na religião? ( ) pais ( ) amigos ( ) outros familiares ( ) ninguém  
( ) outros \_\_\_\_\_

2.3 – Você ainda participa de sua religião de origem? ( ) sim ( ) não

2.4 – Quais dessas atividades você participava?

( ) missas ( ) cultos ( ) grupo jovem/mocidade ( ) pastorais ( ) coral/ grupo musical

( ) outras \_\_\_\_\_

## **Anexo 2**

### QUESTIONÁRIO – “RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE” (militantes)

#### I – IDENTIFICAÇÃO

1.1– Idade: \_\_\_\_\_

1.2– Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

1.3– Identidade Sexual: ( ) Lésbica ( ) Gay ( ) Bissexual ( ) Transexual

#### II – RELIGIÃO E MILITÂNCIA

2.1- Você tem formação religiosa?

2.2- Quem é Deus para você?

2.3- Como você acha que Deus lhe vê?

2.4- Você teve conflito com a sua religião ao perceber a sua orientação sexual?

2.5- A sua formação religiosa contribuiu para sua militância hoje?

2.6- Você tem alguma pertença religiosa? Migrou de uma religião para outra? Em caso afirmativo, por quê?